

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

MINAMIGUCHI, Márcio Mitsuo. Márcio Mitsuo Minamiguchi (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 38min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Márcio Mitsuo Minamiguchi
(depoimento, 2017)**

Rio de Janeiro

2021

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 19/06/2017 a 19/06/2017

Duração: 0h 38min

Arquivo digital - áudio: 1;

Temas: Carreira acadêmica; Ciências Sociais; Demografia; Estatística; Fundação Getulio Vargas; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Metodologia de pesquisa; Universidade de São Paulo; Universidade Federal de Minas Gerais;

Sumário

Entrevista: 19/06/2017 Ciências sociais na Universidade de São Paulo (USP) entre 2004 e 2008; interesse por pesquisa social e indicadores sociais; trabalhava com os tios em um depósito de plantas durante a graduação e não fez estágio; identificação com as disciplinas de métodos de pesquisa; início do mestrado na Escola Nacional de Ciências Estatísticas (Ence) em 2009; dissertação sobre transição demográfica; alguns trabalhos de freelancer durante o mestrado com base de dados e com relatórios de vulnerabilidade socioambiental; em 2012 doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (DECEPLAR) em demografia; em 2014 começou trabalhar no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com a gerencia de demografia; a vida acadêmica e a vida profissional; pesquisa sobre comportamento da fecundidade e mortalidade no IBGE; processo de escrita da tese; satisfação com a carreira; trabalhou com consultoria na Fundação Getulio Vargas (FGV Opinião); identifica-se como sociólogo demógrafo.

Entrevista: 19/06/2017

João - Hoje é dia 19 de junho de 2017, entrevista com Márcio Minamiguchi. Márcio, obrigado por ter vindo. A primeira pergunta é: Márcio, onde e quando você estudou Ciências Sociais?

Márcio - Eu estudei Ciências Sociais na USP em São Paulo entre 2004 e 2008.

J - E durante esse período de 2004 a 2008 quando começou, se é que começou naquela altura, um processo de profissionalização? Porque uma coisa é ser estudante outra é começar a ver aquilo...

M - Na verdade, eu comecei, bom...no início, eu pensava nessa área mesmo de seguir com a pesquisa social, mas não tinha muita ideia de onde eu ia me enquadrar. Eu entrei um pouco na Ciências Sociais por uma questão talvez de identificação com essa área voltada mais para a pesquisa mesmo. Eu sempre fui meio aficionado por indicadores sociais e acabei que cai nessa por um acaso. Aí depois, as Ciências Sociais se mostraram, eu diria, mais amplas do que eu imaginava, mas acabei me encontrando, me identificando bastante. Tem um processo também de...você pensa: “O que eu estou fazendo aqui?”. E depois você acaba se distanciando um pouco, falando: “Será que eu estou no lugar certo? Será que não?”. Até que uma hora... eu acho que foi mais quando eu entrei no mestrado que, realmente, eu parti mesmo para a essa questão mais profissional.

J - Antes você chegou a ter um estágio, alguma coisa que te interessou na graduação?

M - Na graduação não. Eu tinha vindo do interior de São Paulo, então, acabou que eu trabalhava com os meus tios, e o que aconteceu foi que acabava surgindo uma oportunidade ou outra de estágio, mas eu acabava abrindo mão, porque como eu não morava com os meus pais e tinha o orçamento meio restrito, aí sair do mercado de trabalho para um estágio...

J - Você trabalhava com os teus tios em São Paulo?

M - Em São Paulo.

J - Era o quê?

M - Era um depósito de plantas, flores. É bem típico de japonês.

J - Aí te consumia boa parte do tempo.

M - É, consumia, eu trabalhava *full time* lá e estudava à noite. Aí aquela coisa, como a remuneração de estágio não era alta e como minha família, meus pais moravam no interior, aí ficava aquele dilema: “Po, e aí? O que fica depois?”. Acabou que eu não tive

muita experiência profissional na área de Ciências Sociais durante a graduação mesmo. Foi mais dentro da universidade.

J – Você mencionou aí que você tinha interesse por esses temas de indicadores, pesquisa social, isso aí têm a ver com o seu trabalho e depois a gente vai chegar lá. Na graduação, você fez alguma cadeira que te interessou nessa área, que foi: “Po, isso tem a ver com o que eu gosto”?

M – Eram mais as disciplinas de métodos de pesquisa, foram as que me identifiquei um pouco mais mesmo, as que envolviam essa área de pesquisa seja disciplina, por exemplo, de Sociologia da violência que entrava um pouco nisso também, eu via muito as questões dos dados de pesquisa, acabei que eu curti mais. Eu era o tipo de sociólogo que ia bem nas disciplinas de estatística também, ficava meio esquisito para a maioria das pessoas, mas foi indo por aí.

J – Você fez mestrado na Ence [Escola Nacional de Ciências Estatísticas]?

M – Foi.

J – E por que você a escolheu a Ence? Você chegou a pensar em outros?

M – Na verdade, um pouco caiu no colo...

J – Como?

M – Eu por um acaso estava um dia... vi uma divulgação, um cartaz pregado na parede e resolvi tentar. Aí acabei caindo aqui no Rio de Janeiro, nunca pensei em morar no Rio de Janeiro nem nada disso, mas com o mestrado eu acho que eu acabei me encontrando profissionalmente.

J – Isso foi em 2009?

M – 2009, sim.

J – E sobre o que foi sua dissertação?

M – Minha dissertação foi sobre transição demográfica, foi bem puxado muito mais para área de demografia mesmo. Uma parte da demografia mais teórica, uma discussão a respeito dos processos, mas foi mais puramente demográfica.

J – Nessa altura, você estava trabalhando aqui também ou você estava só fazendo mestrado?

M – Só estava fazendo mestrado.

J – Às vezes, o pessoal que tem essa especialização faz muito *freela*, você fez alguma dessas coisas também?

M – Fiz alguns trabalhos de *freelancer*, foi nessa área de avaliação, principalmente na área de avaliação de políticas públicas, surgia um ou outro projeto em questão de trabalhar

com base de dados ou com relatório de vulnerabilidade socioambiental. Isso aí de vez em quando aparecia e aí na condição de bolsista a gente nunca dispensa essas coisas que aparecem.

J – E quando você estava lá na tua turma na Ence tinha gente de várias formações...

M – Sim, sim.

J – Tinham outros cientistas sociais na tua turma ou você era meio...?

M – Não, tinham vários. Tinham uns três ou quatro. A turma inicial acho que eram 24 ou 25, mas terminaram...teve um ou outro abandono, desistência, acho que se formaram uns 18, por aí. A gente era uns quatro ou cinco cientistas sociais.

J – E você sentia que tinha alguma coisa específica da galera que estava na Ence que veio das Ciências Sociais em relação aos demógrafos ou eventuais economistas ou pessoas de outra formação? Tinha um jeito diferente de ver as questões ou você acha que não?

M – Sim, a gente tem um jeito diferente, agora qual é a especificidade do cientista social dentro dessa área...tenho que pensar nisso agora...

J – Na prática assim...

M – É a gente... pois é...

J – A gente pode voltar para essa depois, não se preocupe. E você terminou a Ence quando? Em 2011?

M – Em 2011.

J – E foi aí que o IBGE pintou na sua vida?

M – Não foi um pouco depois, foi em 2014.

J – Como é que foi esse período entre o mestrado e o IBGE?

M – Depois eu fui para tipo um doutorado lá na UFMG no CEDEPLAR [Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional] em demografia mesmo. E aí eu entrei em 2012 e em 2013 acabou aparecendo um concurso para demógrafo e aí foi esse que eu entrei no IBGE.

J – Em 2013 num concurso para demógrafo no IBGE, onde você está desde então.

M – É. Foi em 2013 o concurso e eu comecei a trabalhar em 2014.

J – E o que você começou fazendo no IBGE? Você entrou lá, como é que funciona? Havia projetos específicos? Como era tua rotina de trabalho lá?

M – Eu trabalhava na gerência de demografia, trabalho ainda, e lá são...a grosso modo você tem dois produtos lá que são os mais importantes: a divulgação das estimativas municipais e as tábuas de mortalidade. As estimativas municipais têm implicações na questão de distribuição de recursos para os municípios, ela que fornece o fundo de

participação para os municípios; e as tábuas de mortalidade que definem ali a questão do fator previdenciário, então são...

J - São questões sensíveis.

M – É, são questões politicamente mais sensíveis, além disso, a gente trabalha com o monitoramento dos indicadores demográficos, principalmente, a fecundidade e isso produz as projeções populacionais que servem também como...embasam políticas públicas, além de embasar as próprias estimativas municipais. Bom, no início a gente fica meio perdido, porque você sai da academia e entra realmente na produção de dados, é meio que um choque, mas com o tempo, eu acabei encontrando...no início era muito olhar, revisar o que os colegas fizeram.

J – Era isso que você fazia no início?

M – É, no início era mais a questão da revisão mesmo, acompanhando, revisando e depois também, como as estimativas municipais servem para o fundo de participação dos municípios, surgem muitas reclamações, muita contestação. Então também eu tinha que olhar as contestações dos municípios, dar uma justificativa. Foram essas questões que no início eu acabei trabalhando, depois acaba diversificando um pouco mais, participando de outros projetos, avaliar questionários das pesquisas.

J – Era um trabalho mais em grupo do que individual desde o início? Você estava sobre uma chefia: “Márcio, a gente precisa ver isso aqui”...

M – Era um trabalho mais em grupo mesmo, um trabalho mais institucional mesmo.

J – Você mencionou uma coisa interessante que você ficou perdido, o choque, mas você já tinha uma experiência tanto no mestrado quanto no começo do doutorado com demografia, você era um cara que já tinha uma formação, mas mesmo assim você sentiu uma diferença. Como é que era essa diferença? Era na maneira de trabalhar? Era no ritmo? Era no quê?

M – Eu acho que dentro do IBGE tem uma questão de que você está numa instituição, a gente tem uma responsabilidade muito grande. Eu acho que isso exerce uma pressão maior, porque aquilo que você produz é algo oficial, passa a ser oficial, então isso tem um senso de responsabilidade, uma pressão mesmo um pouco diferente, porque as implicações podem ser maiores, embora, a gente não pense nisso, de certa forma existem essas questões, qualquer coisa acaba virando algo oficial.

J – No caso o ritmo de trabalho você acha diferente ou você já estava acostumado?

M – O ritmo ali varia bastante, determinadas épocas são bem tranquilas, mas épocas próximas à divulgação de alguma pesquisa ou de pesquisas aí começa a ficar bem mais intenso o ritmo de trabalho.

J – Você ainda estava fazendo doutorado nessa época?

M – Ainda [risos].

J – Ainda está?

M – É.

J – Como é que é trabalhar e tocar o doutorado?

M – Acaba atrasando um pouco, mais de cinco anos de doutorado, estou com um prazo aqui, mas estou terminando, já estou com a defesa marcada pelo menos.

J – Mas em termos de rotina como é que você procurava fazer? Você trabalhava de final de semana, à noite ou no próprio IBGE tinha um espaço?

M – É, mais à noite e fim de semana, o negócio era um pouco complicado, porque muitas vezes chegar com ânimo para trabalhar na tese depois de ter trabalhado é difícil, tem a rotina até do próprio cuidar da casa, é complicado, é mais difícil do que eu tinha programado, é sempre assim a gente acha que vai dar conta muito facilmente... até por estar afastado mesmo da universidade, você está com menos contato com os professores, sente menos a pressão e tal, você não está encontrando com seu orientador toda semana, é um pouco diferente.

J – Você diria que sua pesquisa do doutorado tem conexão com o que você faz no IBGE de algum modo? Te ajuda ou são coisas muito excludentes?

M – Está relacionado, mas diretamente... eu acho que tem pouco a ver, porque o que faço no doutorado tem um pouco mais de liberdade, é um grau de liberdade maior para exercer questões metodológicas, desenvolver metodologia. Tem uma liberdade muito maior na academia do que no IBGE. Isso acaba sendo bem diferente, mas por outro lado eu atuo muito como usuário de dados, então, avaliar necessidade de determinados quesitos em algumas pesquisas isso de certa forma, como eu participo das reuniões de elaboração de questionários, isso acaba se incluindo dentro do trabalho. Uma vez que eu estou usando determinado quesito numa pesquisa para mensurar e sentindo falta de alguma informação, eu posso também participar das discussões, além das discussões com a própria academia, com a minha tese eu acabo também participando um pouco da discussão com outros profissionais da área. Eu atuo mais na área de demografia da família agora, então, eu acabo sempre discutindo com o pessoal da academia e com as pessoas que trabalham dentro do IBGE também, então, tem uma relação.

J – Você consegue ir a congressos ou coisas assim ou você se refere basicamente mais a sua relação com a sua orientadora ou orientador? Como é que se dá essa relação com a academia?

M – Mais com o orientador, um pouco com outros pesquisadores...

J – Lá do doutorado?

M – Do doutorado, de outros centros também. Não tenho tido muito contato, mas tenho um pouco, participado de uma ou outra discussão, mas, por enquanto, ainda está algo meio incipiente, tanto na academia quanto profissionalmente ainda estou no início.

J – Normal.

M – Então, tem alguns anos aí, fiquei três anos como pesquisador e um quase doutorado, então está chegando lá.

J – E se você pudesse uma coisa bem prática assim, bem empírica, porque eu estou interessado no cotidiano de trabalho das pessoas, então, um dia típico seu de trabalho, como ele funciona? Você acorda, vai direto para o trabalho... como é uma segunda-feira típica sua?

M – É, eu moro perto do trabalho, dez minutos a pé, então, costumo acordar meio em cima da hora, como alguma coisa, tomo banho e vou para o trabalho.

J – Você vai todos os dias...

M – Todos os dias, em geral, um pouco antes das 9h, fico até perto das 18h todos os dias. Chego no trabalho, ligo o computador, enquanto o computador liga tem o café, porque isso aí faz parte acho que de todo ambiente, tem que ter o café...

J – A resenha do café...

M - Segunda-feira começa o papo de futebol. Depois, verificar e-mails e ver o que tem para o dia. Tem demandas que aparecem pontualmente, outras que... algumas coisas mais pesadas, em geral, a rotina não é pesada, mais quando realmente aparece alguma coisa mais, senão aí é a coisa de trabalhar enquanto pesquisador mesmo. A gente agora está trabalhando com a revisão da projeção para o ano que vem, revisar alguns parâmetros das projeções de população. A gente tem pesquisado muito sobre como tem se comportado a fecundidade e a mortalidade no Brasil mais recentemente para, de repente, reavaliar os parâmetros para o futuro...

J – Desculpe interromper, eu fiquei interessado nisso, quando você fala “a gente tem pesquisado os parâmetros de comportamento da população” é uma coisa bem bala para um leigo, como vocês fazem isso na prática? Vocês consultam base de dados? Vocês têm base de dados? Vocês consultam séries históricas? Como é que é isso na prática?

M – Na prática, tem as séries históricas, o principal parâmetro que vai afetar a população é a fecundidade e a gente tem as séries de nascimentos, só que o comportamento dela... assim, uma coisa que a gente sabe é que a gente tem os dados, os registros, só que eles não são completos, a grande questão é: qual é o nível de correção que a gente aplica a esses registros?

J – Os registros de nascimento.

M – Registros de nascimento. Os registros de óbito também dependendo da forma como você corrige, isso pode mudar, a grande incógnita é: qual o nível que a gente tem? A gente tem indícios, evidências de melhorias dos registros, a gente tenta a partir de aí chegar ao número e analisar o comportamento dessa série. A última projeção que foi divulgada em 2013 apontava uma queda, então, a queda dos nascimentos, uma queda maior do que parece que a gente tem observado. Isso de certa forma influencia no que a gente pensa para o futuro também, tem várias questões na verdade.... A gente tem vários dados disponíveis, mas a gente não confia 100% no nível deles; a gente confia na tendência, só que o quão maior é esse nível a gente não tem exatidão, não tem a exata certeza. A gente tem pesquisado o que a academia tem feito a respeito disso, parece que mesmo para 2010 era um pouco sobre-estimado o índice de 2010, a gente tem tentado corrigir de alguma forma isso. É um processo bem trabalhoso, é diferente de ser demógrafo nos países desenvolvidos, porque lá você tem todos os dados numa qualidade muito boa e uma série histórica muito longa, uma série histórica muito longa com boa qualidade. Registros de nascimento a gente tem aqui no Brasil desde a década de 1970, só que na década de 1970 muita gente não era registrada, muita gente se registrava atrasada e tudo mais, então, a gente não tem muita certeza a respeito desses níveis. Mais recentemente a gente chega a uma qualidade boa, mas é aquela coisa se ela está 1, 2 ou 3% a mais ou a menos isso pode fazer alguma diferença em termos de tendência, é aí que tá, chegar a um número... a gente sabe aproximadamente quanto, mas na hora de divulgar você tem que divulgar um valor, essa é a questão.

J – Mas no caso você trabalha numa sala sua ou você está junto de outras pessoas que você está o tempo inteiro conversando sobre...

M – Estou junto...um monte de gente...você está sempre comunicando.

J – Aí você fica: “Vê isso aqui e tal...”

M – É. Também tem a questão de...existe um Censo demográfico que justamente serve pra isso pra você calibrar essas suas projeções, a gente pode chegar já que os dados dos registros não são tão confiáveis. Agora no período...o Censo foi em 2010, os dados mais

recentes de registros de nascimento são de 2015, então é um pouco distante, a gente perde um pouco o parâmetro lá de trás, você tem um parâmetro mais atrás e aí...a discussão sempre está muito em volta da determinação de parâmetros de população.

J – E no caso o que você descreveria, claro como produto final que seria entregue eu entendo que é a informação oficial que o IBGE..., mas você, sua parte nesse processo, quando você é cobrado ou demandado, você faz um relatório? Você entrega uma mensagem sobre aquilo? Como é que a tua parte nisso pra tua chefia ou para o teu setor? Eles te pedem um relatório por exemplo ou um parecer sobre a questão?

M – A gente trabalha com a adesão do relatório a ser divulgado, publicado, com a publicação mesmo, a gente trabalha em conjunto fechando a publicação ou um relatório metodológico, mas é sempre em conjunto. Dependendo, alguma pessoa participa mais de um ou de outro relatório, mas é sempre nesse sentido.

J – E você diria assim, por exemplo, escrever um relatório metodológico, algo que você deveria já ter alguma sacada disso desde o teu mestrado ou foi algo que você aprendeu um pouco a fazer no IBGE? Ou de certa maneira você já sabia como discutir as informações metodológicas, os problemas, ou tiveram que falar: “Márcio, aqui é assim...”?

M – Não, não é muito distante daquilo que a gente está acostumado na academia, tem uma certa proximidade, não é exatamente igual, mas tem o jeito do IBGE de publicar, tem uma cara própria, mas não é nada de muito diferente também.

J – É comum que você, eventualmente, goste daquela discussão que está acontecendo e pense, sei lá, em escrever um artigo acadêmico usando aqueles dados? Aliás, é permitido isso no IBGE? Enfim, eventualmente, você escrever um artigo acadêmico a partir desses registros de nascimento que você está analisando para o trabalho especificamente.

M – Sim, a gente participa bastante da... a instituição incentiva bastante a participação em congressos...

J – Chega a financiar?

M – Sim, quando você tem trabalhos a apresentar na área sempre a instituição financia a participação... tem financiado a participação em congressos, seminários.

J – Ah legal, então tem essa conexão.

M – Aham.

J – Saindo daí...eu tinha perguntado lá no início do teu roteiro e te interrompi, você sai do IBGE às 18h, né?

M – É, em geral por volta das 18h.

J – E aí como é que é esse final de dia com a casa e a tese? Você consegue mexer na tese todo dia de noite?

M – Nem sempre.

J – Você tenta?

M – Tento, tento. Eu costumo ficar muito casa, mesmo que eu não fique tão focado na tese, eu fico em casa mesmo.

J – E mesmo para escrever? Porque tem muita gente que, por exemplo, você está escrevendo a tese, para escrever precisa de um ritual, precisa se concentrar durante uma semana inteira, como é que você pensa isso? Você sentou e consegue escrever se for o caso...

M – É, tem que tentar a inspiração mesmo...

J – Não é assim: “toda terça-feira eu vou escrever”.

M – Não, tem aqueles momentos de inspiração mesmo e nem sempre acontecem. Tem dias que estou mais animado, mais inspirado, aí rende. Tem dia que eu fico lá parado mesmo e...

J – E você nesse período em casa consegue ler coisas da tua área?

M – Ler é muito raro, o que eu leio mesmo é notícia, fora isso, outras coisas é muito pouco.

J – Mais por falta de tempo?

M – Mais por falta de tempo mesmo, porque também tem aquela coisa é longo. Se eu for pegar um livro assim, já não é algo que eu vou terminar logo, então, aí ter que abandonar um livro no meio do caminho é meio complicado também. Prefiro se for para ler alguma coisa, eu prefiro pegar um dia só para ler aquilo.

J – E no caso hoje assim... IBGE, doutorado, você está na área que eu acho que você gostaria de estar, né? Você tinha interesse em metodologia quantitativa, depois demografia, se eu te perguntasse assim tem algo que você sente falta em relação à experiência profissional, “po, estou frustrado com isso, gostaria de fazer tal coisa...”, teria algo?

M – Eu acho que não, eu estou satisfeito.

J – Acho que você já respondeu essa um pouco, você trabalhou bastante, bastante não sei dizer, com projetos *freelancer*, consultoria seria o caso dizer? Você trabalhou?

M – Trabalhei um pouco sim com consultoria. Foi pouco, mas trabalhei, inclusive aqui no FGV Opinião.

J – Você acha que entre a sua formação...de fato você é mais um demógrafo do que um cientista social.

M – É, eu sou mais um demógrafo e ainda tem aquela coisa mesmo sociólogos demógrafos, eles costumam ser mais qualitativos.

J – É mesmo? Como assim qualitativos?

M – Qualitativos não, um pouco mais teóricos, a parte mais teórica da demografia do que da parte...

J – *Hard*...

M – *Hard*... e eu acabei me identificando mais com a parte *hard* da demografia, então, mas em geral os sociólogos demógrafos ou demógrafos sociólogos [risos]...

J – Esse híbrido, né?

M – Aliás demógrafo é sempre alguma coisa, ele é sempre um híbrido, ele é sempre um economista demógrafo ou um estatístico demógrafo, sociólogo demógrafo, sempre algo.

J – Mas aí você diria que entre a sua experiência lá na USP de 2004 a 2008, nem está tanto tempo atrás, está há pouco tempo, tem algo que ficou dela profissionalmente pra você hoje? Ou você é totalmente um demógrafo formado na Ence? Tem algo daquela formação que ficou?

M – Pois é, é que eu uso muito pouco na verdade da minha formação na graduação, inclusive, até quando eu escrevo algo as pessoas: “Não, tá OK, mas...”, sempre quando alguém lê algo que eu escrevo falam: “É, não, está correto, mas engraçado né que você é sociólogo e sociólogo formado pela USP e eu não estou enxergando aqui”. É meio engraçado.

J – O seu doutorado está marcado aí a defesa...

M – Está.

J – E o que você pretende fazer daqui pra frente? Continuar no IBGE? Você tem vontade de ir pra academia *stricto sensu*?

M – Eu pretendo continuar, até quando eu não sei, mas por hora eu pretendo continuar sim no IBGE. Se eu vou mudar, tudo depende, as relações de trabalho também podem mudar com o tempo, a instituição pode mudar, mas da forma como está eu acho que, por enquanto, estou satisfeito. A gente nunca sabe o rumo que vai tomar.

J – É verdade. Bom Márcio, mais ou menos o roteiro que eu tinha a gente passou. Era isso, queria te agradecer. Muito obrigada.

M – Obrigada.

[FIM DO DEPOIMENTO]